Sultanas esquecidas: lembrar histórias de mulheres muçulmanas

Maria Teresa Mhereb[1]

RESENHA: MERNISSI, Fatima. *Sultanas esquecidas: mulheres chefe de Estado no Islã*. Tradução de Marília Scalzo. Rio de Janeiro: Tabla, 2024.

> "Mulheres árabes chefes de Estado? [...] 'Você não leu essa história em *As mil e uma noites*?'" (Mernissi, 2024, p. 162).

> "Fazer incursões a nosso passado pode não apenas nos divertir e nos instruir, mas também inspirar ideias preciosas sobre os modos de viver com alegria quando se é mulher, árabe e muçulmana" (Mernissi, 2024, p. 163).

Um espectro ronda o mundo editorial brasileiro: o espectro das mulheres árabes. Entre elas, estão contistas, poetas e romancistas, mas também pensadoras da história e da cultura, ainda que estas em menor quantidade. Sua presença atual denota, a contrapelo, sua ausência histórica. Na realidade, denota a não circulação de incontáveis saberes de mulheres árabes, de todos os lugares, falantes de diversas línguas, no nosso sistema literário e epistemológico.

Se nunca se publicou tantas mulheres árabes no Brasil, isso não significa que sejam muitas as que estão publicadas. Entre as que, por uma razão ou outra, ganharam a possibilidade de circular entre nós, está Fatima Mernissi (1940-2015), socióloga marroquina,

[1] Pesquisadora na Cátedra Edward Saïd de Estudos da Contemporaneidade, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade de São Paulo (USP), com estágio no Centre de Recherches Sociologiques et Politiques de Paris (CRESPPA/CNRS). Realiza pós-doutorado no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: teresamhereb@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7458-8829.

professora da Universidade de Rabat, formada na França e nos Estados Unidos, que, em sua longa trajetória acadêmica e política, inclusive como consultora da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), percorreu boa parte do mundo e é considerada, de leste a oeste, como uma das mais proeminentes figuras do feminismo islâmico[2].

Autora de diversos livros sobre o papel e o poder das mulheres na história do islã, *Sultanas esquecidas: mulheres chefes de Estado no Islã* (2024) é o segundo a ser publicado no país, quase 20 anos após o primeiro, *Sonhos de transgressão: minha vida de menina num harém* (1996)[3]. Dedicado a reconstituir a história de sultanas e outras dirigentes políticas muçulmanas ocultadas pelas historiografias oficiais dentro e fora do mundo islâmico, *Sultanas esquecidas* ganhou sua primeira edição brasileira em 2024, pela editora Tabla[4].

Diferentemente de *Sonhos de transgressão*, que teve sua publicação, pela Companhia das Letras, pouco tempo após a primeira edição nos Estados Unidos (em 1994), *Sultanas esquecidas* chega ao público brasileiro mais de três décadas após sua primeira edição, em 1990, pela editora parisiense Albin Michel[5]. O livro, cujo título original é *Sultanes oubliées: femmes chefs d'état en Islam* (1990), foi traduzido do francês por Marília Scalzo, tradutora já bastante reconhecida[6].

Essa sequência de informações nos lembra de que:

a. conhecemos aquilo que podemos acessar nas línguas que compreendemos, e ignoramos muito (senão a maior parte) do saber que se constrói mundo afora ao longo do tempo, inclusive antes ou ao mesmo tempo que nós;
b. a publicação de *Sultanas esquecidas* no Brasil, como em qualquer outro lugar, é resultado de um processo de escolha (ética, política e econômica) de sujeitos que

[2] Para conhecer detalhes sobre a formação acadêmica e atuação de Fatima Mernissi, *cf.* verbete "Fátima Mernissi ou Fatema Mernissi" (2025), de Samira Adel Osman.
[3] Publicado originalmente em inglês sob o título *Dreams of Trespass. Tales of a Harem Girlhood*, em 1994, o livro já foi traduzido para mais de 20 línguas.
[4] A editora Tabla, sediada no Rio de Janeiro (RJ), tem cumprido papel fundamental na publicação de autoras e autores árabes no Brasil nos últimos anos. *Cf.* Maria Teresa Mhereb, "O Mundo Árabe no mercado editorial brasileiro: um estudo sociológico sobre traduções" (2025).
[5] Entre os livros de Mernissi ainda não publicados no Brasil, e que podem ser consultados em inglês ou francês, estão: Beyond the Veil: Male-Female Dynamics in Modern Muslim Society [Além do véu: dinâmicas masculino-femininas na moderna sociedade muçulmana], reeditado nos Estados Unidos em 1987 (resultado de sua tese de doutorado defendida na Universidade Brandeis, Estados Unidos em 1975); Le Maroc raconté par ses femmes [O Marrocos contado por suas mulheres], de 1984, republicado em 1991 com o título Le monde n'est pas un harem [O mundo não é um harém]; e La peur-modernité: conflit Islam démocratie [A modernidade-do: conflito Islã-democracia], de 1992.
[6] Marília Scalzo é também a tradutora do segundo livro de Fátima Mernissi publicado pela editora Tabla: *O harém política: o profeta e as mulheres* (2025). Esse livro tem como fonte *Le harem politique: le Prophète et les femmes* (1987b).

detêm meios de produção para isso – donde o fato de que muitas outras obras de muitas outras mulheres, árabes, muçulmanas e não só, permanecem ainda inacessíveis para a maioria de nós;

c. trata-se de um livro traduzido, e, nessa condição, foram necessárias centenas de horas de trabalho humano especializado para que pudéssemos lê-lo em nossa própria língua – daí que traduções e pessoas que traduzem sejam imprescindíveis para a circulação global de conhecimentos, mesmo quando tecnologias podem ser úteis para fins instrumentais.

Salta ainda o fato de que pessoas árabes podem falar ou escrever em diversas línguas, como o francês, língua de partida de *Sultanas esquecidas*. Devido a violentos processos colonizatórios, o Marrocos é um território também habitado pela francofonia, a qual, nos revezes da história, pode tornar-se politicamente útil para a circulação de pensamentos "não ocidentais". É importante ter isso em mente na medida em que o livro de Fatima Mernissi se dirige a um público amplo, que abarca povos árabes e/ou islâmicos em geral, especialmente as mulheres muçulmanas, que podem conhecer mais sobre suas antepassadas, mas também povos e mulheres distantes das culturas árabes ou do Islã.

Isso se pode notar na construção de seu texto, que cria vínculos constantes entre "Oriente" e "Ocidente" (nos termos que emprega a autora), e fornece a leitoras e leitores deste último informações contextuais suficientes para que possam acompanhar as histórias que narra sobre o primeiro. Na "Introdução", em que explica o ponto de partida para *Sultanas esquecidas* – a eleição de uma mulher, Benazir Bhutto, como primeira-ministra do Paquistão em 1988 e a reação desencadeada dentro e fora da tradição islâmica –, Mernissi evidencia seu público-alvo:

> Quando Benazir Bhutto tornou-se primeira-ministra do Paquistão, após ganhar as eleições em 16 de novembro de 1988, *todos aqueles que achavam que tinham o monopólio de falar em nome do Islã*, especialmente Nawaz Charif, líder da IDA (Aliança Democrática Islâmica), levantaram a bandeira da blasfêmia – nunca um Estado muçulmano foi dirigido por uma mulher, que horror! [...]
>
> *Toda a imprensa, tanto no Ocidente quanto no Oriente, repercutiu essa argumentação*, sem destacar um fato muito interessante: os políticos paquistaneses só apelaram para a tradição muçulmana depois de sua derrota nas eleições (Mernissi, 2024, p. 18-19, destaques meus).

Até então, lembra Mernissi, aceitavam "oficialmente as regras do jogo das eleições, isto é, a democracia parlamentar, uma democracia que provém dos princípios da *Declaração universal dos direitos humanos*, em que o voto é a base soberana do poder político" (Mernissi, 2024, p. 18). A eleição de uma mulher, seguindo as regras do mesmo jogo, faria, no entanto, com que reivindicassem uma tradição diversa para deslegitimá-la[7]. Diante desse cenário, Mernissi decide investigar a história do Islã para demonstrar a existência de diversas mulheres que exerceram poder político ao longo do Império Árabe Islâmico.

Ainda na introdução, que intitulou como "Benazir Bhutto foi a primeira?", traz dois dos principais argumentos que atravessam suas obras e organizam *Sultanas esquecidas*. O primeiro é o de que valores como democracia e direitos humanos não seriam alheios ao Islã, importados da "modernidade ocidental", mas estariam já presentes, à sua própria maneira, nos ensinamentos do profeta Muhammad, tendo sido, em momentos posteriores, teorizados de forma distinta. Daí sua volta aos textos sagrados e antigos para refutar visões como as que vieram à tona com a eleição de Bhutto. O segundo argumento é o de que a misoginia seria inerente aos sistemas patriarcais, e não própria do Islã, ainda que presente em sua história. (Assentando-se sobre a divisão sexual do trabalho, ideologias de controle sobre pessoas consideradas mulheres organizariam diferentes sociedades no tempo e no espaço, incluindo sociedades "ocidentais").

Para reescrever a história de mulheres muçulmanas chefes de estado, ou ao menos para preencher algumas das lacunas dessa longa história, Mernissi constrói um texto estruturado em três partes, num "trabalho de grande pesquisa e rigor histórico, com acesso às fontes islâmicas e aos compêndios dos historiadores árabes diretamente do original" (Osman, 2025, n/p.), que, nas palavras de Samira Osman, autora do Prefácio à edição brasileira, resulta em uma narrativa que, "tal qual [as de] Chahrazad", "enreda o leitor do começo ao fim" (Osman, 2024, p. 13):

> Nas páginas de *Sultanas esquecidas*, adentramos os palácios, as cortes, os haréns; acompanhamos as intrigas palacianas, as disputas de poder, as histórias de amor e as paixões arrebatadoras; compreendemos as mães que lutam por seus filhos e contra seus filhos; conhecemos mulheres infiéis ao marido ou ao amante, e fiéis sobretudo a si mesmas; escravizadas, cortesãs, rainhas, sultanas; árabes, mongóis, mamelucas;

[7] Em 1990, cerca de dois anos depois de eleita, Benazir Bhutto foi presa e exilada sob acusação de corrupção. Foi tragicamente assassinada em 2007, durante uma nova pré-campanha eleitoral.

> poderosas, resistentes, resilientes. Mulheres e Muçulmanas e Sultanas (Osman, 2024, p. 13).

A primeira parte do livro, "Sultanas e cortesãs", conta com quatro capítulos: "Como o Islã se refere às rainhas?", "O califa e a sultana", "As *jaryas* ou a revolução do harém" e "Khayzuran: cortesã ou chefe de Estado?". Ao longo deles, a autora busca definir, a partir da consulta a textos históricos, noções religiosas e políticas – como califa, sultão/sultana e imã – para poder (re)posicionar mulheres chefes de estado no interior de uma historiografia islâmica escrita por uma mulher muçulmana. Designar por meio das palavras é uma questão metodológica fundamental e, nesse caso, ganha especial relevância, pois, conforme Mernissi escreve logo no início:

> Diante da abundância de rainhas que, nas páginas amareladas de nossos livros da história, não param de disputar o poder com os califas e os tronos com os sultões, é preciso em primeiro lugar fazer a pergunta mais óbvia: como o Islã se refere às rainhas, numa religião que, quando fala da rainha de Sabá no Alcorão, nunca cita seu nome? Vamos chamar as rainhas pelo nome, pelo sobrenome ou pelo sobrenome do marido, do pai ou do filho? Elas têm direito a título? Quais, já que existem no Islã apenas dois títulos específicos que se relacionam com o poder: califa e irmã? Mais uma vez, as palavras irão revelar e tornar patente o que modulou as mentalidades, consciente e inconscientemente, durante os últimos quinze séculos (Mernissi, 2024, p. 25).

Assentadas algumas balizas teóricas e conceituais, a segunda parte – "A soberania no Islã" – segue por caminho histórico e sociológico. Nela, Mernissi investiga detalhadamente "Os critérios de soberania no Islã" – que indica serem dois: o pronunciamento do nome do chefe de Estado na *khutba* (o sermão da oração da sexta-feira) e, em menor medida, sua gravação em moeda. Na sequência, apresenta "Quinze sultanas" reconhecidas pela historiografia, revelando que o poder político de mulheres não é estranho à tradição islâmica, mas parte dela, ainda que seus governos tenham frequentemente resultado de tumultos políticos, enfrentando também obstáculos, e que discursos patriarcais neguem sua existência. Entre as mulheres que se apresentam estão sultanas mamelucas, como Radhyia e Charajat al-Durr; rainhas mongóis, como Kutlugh Khatun, também chamada de Terken Khatun, e sua filha, Padichah Khatun, que governaram entre os séculos XIII e XIV e foram sucedidas por várias outras; e sultanas das ilhas Maldivas, como a Sultana Khadija, que reinou de 1347 a 1379, e da Indonésia, onde quatro princesas da dinas Djajadiningrat se sucederam no poder ao longo do século XVII.

A terceira parte, por sua vez, tem como título "As rainhas árabes" e é composta por três capítulos: "A dinastia xiita no Iêmen", "As pequenas rainhas de Sabá" e "A Dama do Cairo". Aqui, entre as figuras de destaque estão Malika Asma, ou "Asma Bint Chihab al-Sulayhiya, que morreu em 480/1087 [e] governou o Iêmen com seu marido 'Ali Ibn Muhammad al-Sulayhi, fundador da dinastia que levava seu nome" (Mernissi, 2024, p. 161); sua nora Arwa Bint Ahmad al-Sulayhiya, "esposa de seu filho Al-Mukarram, que retomou a tradição do pai e compartilhou o poder com sua mulher, que o exerceu posteriormente por quase meio século (de 485/1091 até sua morte em 532/1138)" (Mernissi, 2024, p. 161); Balqis al-Sughra, a "Jovem Rainha de Sabá", convertida ao Islã por Salomão e jamais nomeada no Alcorão, mas cujo poder continua a inspirar histórias e poemas através dos tempos; e Sitt al-Mulk (a "Dama do Poder"), que assumiu o trono e governou o Egito por quatro anos, entre 411/1020 e 415/10254, após a morte de seu irmão, o califa Al-Hakim, que, tomado de incessantes acessos de delírio, autoritarismo e violência, chegara ao ponto de declarar ser Deus em pessoa e mandar incendiar a cidade do Cairo.

Por fim, na "Conclusão" que fecha o livro, denominada a "A Medina-Democracia", encontramos um ensaio em que Mernissi reflete sobre a ambiguidade política que experimentam as e os "habitantes da medina-democracia", cuja vida é organizada em torno de um "duplo pertencimento simultâneo a cenas contraditórias e ideologicamente opostas" (Mernissi, 2024, p. 262): a "califal", marcada pela histórica elevação sócio-política do califa frente à *'amma* (massa popular privada de discernimento e razão), e a "parlamentar", em que a "vontade soberana" de indivíduos compõe parlamentos por meio do sufrágio universal – um paradoxo que, para a autora, teria se tornado mais difícil de gerir após os processos de independência nacional em relação aos países colonizadores europeus (Mernissi, 2024, p. 261). Sem pretender resolver essa ambiguidade, Mernissi parte dela para invocar um "ideal de Islã político que quinze séculos de despotismo não conseguiram destruir", e que ela situa "no início da Hégira" (cujo marco, ligado à migração do profeta Muhammad de Meca para Medina, é o ano 622 da era cristã), quando líderes políticos teriam estado próximos a seu povo, "em uma mesquita sem barreiras" (Mernissi, 2024, p. 258).

Ao investigar o passado e tomá-lo como ponto de partida para, em seu presente, projetar um futuro em aberto, Mernissi não o faz, ela mesma, sem angústias e contradições. Enquanto mulher muçulmana que interroga a história, confessa e ironiza temores e precauções derivados de suas crenças religiosas:

> Uma das razões para minha ansiedade em fazer essa afirmação [de que nenhuma mulher usou o título de califa ou de imã no sentido comum do termo] é que *não posso deixar de me sentir culpada pelo simples fato de perguntar se já houve uma mulher califa*. Penso que a pergunta em si constitua blasfêmia. A simples *ideia de ousar questionar a história sendo mulher* é vivida por mim – programa como sou por uma educação muçulmana tradicional – como uma *embaraçosa blasfêmia*. Nesta manhã ensolarada de 6 de fevereiro de 1989, a alguns passos da Jamil al-Sunna, uma das grandes mesquitas de Rabat, *me sinto culpada* por estar aqui com meu computador, escrevendo sobre as mulheres e o califado. Essa insólita associação de termos cria uma *angústia nova e difusa* a que é preciso tentar responder antes da hora da oração. Quero que tudo esteja em ordem antes do meio-dia, quando muezim anunciará que o sol alcançou o meio do céu. E a ordem diz que as mulheres devem estar em seu lugar, e o califa no dele (Mernissi, 2024, p. 25, destaques meus).

Mas sua posição como intelectual pode ser ainda mais localizada, no sentido dado ao termo por Donna Haraway (1995): Fatima Mernissi é uma mulher muçulmana, árabe, que tem nacionalidade, classe social, ideologia e visão de mundo, cujo pensamento se fez no tempo e no espaço como resultado de conhecimentos e reconhecimentos que pôde adquirir. Nesse sentido, sua obra é necessariamente parcial, inconclusa, transitória e, como tal, passível de equívocos e acertos. Mernissi sabia disso, e por essa razão insistia em que as mulheres, não só as muçulmanas, investigassem a história, como forma de romper monopólios historiográficos e disputar saberes. Como lembra Samira Osman:

> Mernissi defendia que se escrevesse sobre as mulheres na história e sobre a história das mulheres, mas sobretudo *que as mulheres escrevessem a história* porque, para ela, o *maior equívoco foi permitir que a história, a memória, o coletivo e o espaço da produção do conhecimento fossem dominados por homens* (Osman, 2024, p. 13, destaques meus).

O conhecimento que Fatima Mernissi produziu é o conhecimento produzido por uma entre bilhões de mulheres. Seu trabalho nos lembra de que, quando nós, mulheres, de diferentes origens e destinos, investigamos a história, recordamo-nos do que ainda não sabemos, ao mesmo tempo que criamos memórias e saberes por vir. Questionando os motivos de nossos ocultamentos, podemos elaborar ausências e não ditos, mas também articular presenças, movimentos teóricos e práticos para um futuro diferente.

Muitas de nós dedicam ou dedicaram suas vidas a pensar e a transformar o mundo em um lugar mais justo. Muitas e muitas de nós permanecem submersas nas histórias e historiografias oficiais ou dominantes, sobretudo quando o que está em jogo é a construção e difusão de perspectivas que afrontam a organização internacional do capital, atreladas ou

alheias a confissões religiosas. Se *Sultanas esquecidas* é um mergulho profundo em tempos pré-capitalistas, sua leitura traz a lembrança de diferentes formas de atualização dos sistemas patriarcais no tempo e no espaço, inclusive aqui e agora. Traduzido para o português brasileiro, o texto denuncia todos os outros que ainda não o foram. E o que está por ser escavado nos tantos palimpsestos das histórias humanas.

Referências

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

MERNISSI, F. *Le Maroc raconté par ses femmes*. Rabat : Société Marocaine des Éditeurs Réunis, 1984.

MERNISSI, F. *Beyond the Veil: Male-Female Dynamics in Modern Muslim Society*. Bloomington: Indiana University Press, 1987a.

MERNISSI, F. *Le harem politique: le Prophète et les femmes*. Paris: Albin Michel, 1987b.

MERNISSI, F. *Sultanes oubliées: femmes chefs d'État en Islam*. Paris: Albin Michel, 1990.

MERNISSI, F. *Le monde n'est pas un harem*. Paris: Albin Michel, 1991.

MERNISSI, F. *La peur-modernité: conflit Islam démocratie*. Paris: Albin Michel & Éditions Le Fennec, 1992.

MERNISSI, F. *Dreams of Trespass. Tales of a Harem Girlhood*. Massachusetts: Addison Wesley, 1994.

MERNISSI, F. *Sonhos de transgressão: minha vida de menina num harém*. Tradução de Carlos Sussekind. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

MERNISSI, F. *Sultanas esquecidas: mulheres chefes de Estado no Islã*. Tradução de Marília Scalzo. Rio de Janeiro: Tabla, 2024.

MERNISSI, F. *O harém político: o profeta e as mulheres*. Tradução de Marília Scalzo. Rio de Janeiro: Tabla, 2025.

MHEREB, M. T. O mundo árabe no mercado editorial brasileiro: um estudo sobre fluxos de tradução para o diálogo Sul-Sul. ENCONTRO DE ESTUDOS ÁRABES EM DIÁLOGO, 1., 2025, São Paulo. *Caderno de Resumos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2025. Disponível em: https://arabeemdialogo.fflch.usp.br/sites/arabeemdialogo.fflch.usp.br/files/inline-files/Caderno%20de%20Resumos%20-%20I%20Encontro%20de%20Estudos%20%C3%81rabes%20em%20Di%C3%A1logo%20%282025%29_3.pdf. Acesso em: 22 set. 2026.

OSMAN, S. Prefácio. *In*: MERNISSI, F. *Sultanas esquecidas: mulheres chefe de estado no Islã*. Tradução de Marília Scalzo. Rio de Janeiro: Tabla, 2024.

OSMAN, S. Fátima Mernissi ou Fatema Mernissi. *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, v. 7, n. 4, p. 1-17, 2025. Disponível em: https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/2564-2/. Acesso em: 22 set. 2026.